

CICUTA É PARA OS OTÁRIOS OU A SEDUTORA LIBERDADE DO SOBRINHO DE RAMEAU

*Paulo Jonas de Lima Piva*¹

Resumo: O objetivo deste ensaio é resgatar as provocações, a lucidez e os impasses da consciência crítica demolidora de Ele, o personagem imoralista e cínico do diálogo *O sobrinho de Rameau*, de Denis Diderot, ressaltando dois aspectos da sua radicalidade filosófica e, sobretudo, ética: 1) tendo em mente o atual contexto histórico de trevas e perplexidade moral, no Ocidente, junto com Ele, o sobrinho de Rameau, indagar mais uma vez a Eu, o seu interlocutor iluminista, isto é, pretensamente esclarecido e cheio de convicções morais e certezas filosóficas, se valeu a pena para Sócrates, uma referência importante para o pensamento das Luzes na questão moral, ter escolhido os seus princípios nobres, mesmo ao custo da cicuta, em vez dos preconceitos da vida como ela é, ou melhor, se o célebre sábio grego teve algum benefício, ao ter optado pela ética e pelo conhecimento, e não pela indiferença e pela ignorância, num mundo cada vez mais determinado por apetites cegos à verdade e à virtude; 2) pensar a postura niilista do sobrinho, não só como uma sabedoria, como uma arte de viver, como uma técnica de sobrevivência em tempos hiperindividualistas, mas como um paradigma de liberdade, a despeito de suas consequências práticas.

Palavras-chave: Cinismo. Iluminismo. Imoralismo. Liberdade. Sabedoria.

Mas hoje em dia. Escuta. No Brasil, quem não é canalha na véspera, é canalha no dia seguinte.

Nelson Rodrigues (RODRIGUES, 2004, p. 66)

¹ Professor adjunto da Universidade Federal do ABC (UFABC), São Bernado do Campo, SP – Brasil.
 <https://orcid.org/0000-0003-1121-2773>. E-mail: paulo.piva@ufabc.edu.br.

<https://doi.org/10.1590/0101-3173.2021.v44n2.21.p301>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

INTRODUÇÃO: O MUNDO É DOS SOBRINHOS?

Pós-verdade, pós-modernidade, hipermodernidade; relativismo, anti-intelectualismo, hiperindividualismo; ultraliberalismo na economia, ultraconservadorismo nos costumes, avanço do fundamentalismo religioso contra o Estado laico; governos neofascistas pelo mundo, *coaches*, identitarismos, discursos de ódio, morte da democracia. Numa metáfora, diagnosticaria Nietzsche, “morte de Deus”.

O caldo ideológico e o torvelinho factual da atual conjuntura histórica do Ocidente remetem-nos, de certa forma, a uma obra que anunciou de forma profética, em pleno século das Luzes, a fragilidade, as ilusões e o fracasso de um projeto iluminista de civilização ainda no berço: *O sobrinho de Rameau*, de Denis Diderot. Concebido por volta de 1761 e reescrito ao longo de vários anos, *O sobrinho de Rameau* foi publicado pela primeira vez em 1805, portanto, como texto póstumo, já que Diderot falecera em 1784. Curiosamente, essa primeira publicação foi em língua alemã e, mais curiosamente ainda, na tradução de Goethe. Logo em seguida, dois anos depois, o obra é analisada de forma paradigmática por Hegel, em sua célebre *Fenomenologia do espírito*, ganhando, por fim, só em 1821, uma versão para a sua língua original francesa.²

O sobrinho de Rameau é antes de tudo uma sátira, como lemos no seu subtítulo, negligenciado em muitas edições: *Sátira segunda*. A primeira das duas sátiras de Diderot é *Sátira primeira sobre os caracteres e as palavras de caráter, de profissão, etc.*, publicada, sem nenhuma grande história de bastidores, em 1778. Como lembra o estudioso do *Sobrinho*, Roberto Romano (2006, p. 21), sátira, no entendimento dos enciclopedistas - movimento do qual Diderot foi um dos principais mentores -, diferenciava-se da comédia. A sátira, nessa perspectiva, seria uma crítica em forma de zombaria direta aos vícios e ridículos dos costumes, ao passo que a comédia seria um gênero literário mais comedido, uma crítica mais oblíqua a esses mesmos alvos.

O sobrinho de Rameau é, no geral, um encontro de antípodas; consiste menos num palco para entretenimento e mais numa arena filosófica na

² Tratei (PIVA, 2003, p. 167-236) de *O sobrinho de Rameau* mais detidamente e em seus vários aspectos, como a aventura da sua publicação, o seu lugar na moral materialista de Diderot e sua repercussão filosófica, no meu livro *O ateu virtuoso: materialismo e moral em Denis Diderot*, de 2003, mais precisamente no seu capítulo IV, intitulado “O imoralismo cínico como autodesafio em *O sobrinho de Rameau*”, na verdade, originalmente uma Dissertação de Mestrado desenvolvida na Universidade de São Paulo e concluída em 1999, portanto, há mais de duas décadas. Nesse sentido, como saliente no resumo, este artigo consiste numa revisita a um dos principais livros, não só de Diderot, mas de toda a história da filosofia moderna.

qual dialogam e se enfrentam duas consciências distintas, duas formas de racionalidade e sensibilidade essencialmente inconciliáveis. De um lado, um representante típico do iluminismo, isto é, uma razão, além de autônoma, cheia de si, apesar de autocrítica e experimentadora - “Meus pensamentos, esses são minhas vadias” (DIDEROT, 2006, p. 45), declara o personagem representante dessa razão -, é uma razão repleta de certezas, confiante nos seus poderes e animada por uma esperança num futuro promissor para a humanidade; trata-se do espírito enciclopedista, que acredita plenamente na possibilidade do melhoramento moral e político do ser humano mediante o desenvolvimento das ciências e das artes e a popularização da instrução, na forma, sobretudo, de educação pública; é a consciência séria e responsável, de culto ao bom senso, a métodos cognitivos e ao progresso, com convicções humanistas e em valores universais, propagadora entusiasta da ideia de que o esclarecimento pode emancipar e tornar todos mais virtuosos e felizes.

Numa palavra, é o discurso de um idealista moral, de um sujeito de princípios, presente na figura de um ex-professor de matemática, polido e culto, de nome “Eu”, que também é o narrador do livro, e que o leitor precipitado acaba associando equivocadamente às ideias do próprio Diderot - aliás, onde está exatamente o pensamento de Diderot, no tiroteio desse diálogo, é difícil afirmar com certeza.

Já como interlocutor e antítese de Eu, temos, do outro lado, Ele, o porta-voz de uma racionalidade despreocupada com o princípio lógico da não contradição, uma razão ágil, indiscreta, debochada, radical e corrosiva, desprovida de qualquer sensibilidade moral, escarnecedora de todas as pretensões iluministas de conhecimento da natureza e de aperfeiçoamento da humanidade, a qual não leva a sério nada do que vem do intelecto e das boas intenções, e que sabe que as ciências podem muito menos do que ambicionam e prometem; estamos tratando, portanto, de uma consciência clarividente, convincente de sua lucidez no sentido de não ter ilusões, dotada de um raciocínio vertiginoso que surpreende, encurrala e revela ao seu interlocutor de olhar e tom professorais a ingenuidade e o ridículo das aspirações do seu iluminismo; é uma inteligência que, pela sua falta de regras e limites, e pela sua índole egoísta inflexível, representa perigo a qualquer ideia de ordem e de sociabilidade mínima; esse personagem Ele, podemos dizer, é um realista moral, um relativista cínico, um amoralista no sentido de ser indiferente às noções de vício e virtude, de bem e mal; ao mesmo tempo, é um imoralista ilustrado e, paradoxalmente, num certo sentido, um anti-intelectualista;

um “antifilósofo cínico”, diria Rubens Torres Filho (2004, p. 53); “[...] um pensador da perda de valores”, acrescenta Michel Delon (2006, p. 17).

Em suma, Ele é a verbalização do canalha hedonista e sem remorsos, do pragmático calculista que age e se contradiz, sem ruborizar-se, conforme suas necessidades concretas impostas pelas circunstâncias, o que faria dele, na interpretação de Roberto Romano (1996, p. 126), o ancestral do anarco-individualismo ou egoísmo absoluto de Max Stirner; em termos mais contemporâneos ainda, o sobrinho poderia ser definido como um niilista *avant la lettre*, entendendo por niilismo o conceito formulado e muito debatido a partir de Nietzsche e que nos remete essencialmente à falta de sentido, significado e fundamento absoluto dos valores, a um nada faz sentido, nada tem valor, tanto faz, tudo é permitido.

O resultado desse diálogo de contrastes e negações não será, no nosso entender, uma síntese de contradições, apesar da sua “força dialética”, conforme ressalta Michel Delon (2006, p. 16), e sim a vitória de uma argumentação sobre a outra, o que coloca em dúvida se se trata mesmo de um diálogo. De todo modo, não é um diálogo de consenso, de parceria e solidariedade pela construção ou revelação da verdade. O fato é que há um triunfo visível, e este é o da razão iconoclasta, autofágica - lembrando aqui Torres Filho (TORRES FILHO, 2004, p. 69), para quem, no *Sobrinho*, “[...] a Ilustração morde sua própria cauda e gera o seu Outro” -, inescrupulosa e individualista sobre a razão bem pensante e bem intencionada, triunfo este que fica expresso, de forma sarcástica e contundente, na última frase do livro, proferida pela boca de poucos dentes de Ele, o histriônico sobrinho de Rameau: “[...] ri melhor quem ri por último.” (DIDEROT, 2006, p. 153).

Portanto, em face da questão central da ética, “Como viver?”, o mais razoável neste mundo, segundo esse desfecho de Diderot, é ser e viver como o sobrinho de Rameau, o que, vale dizer, muitos de nós - e com menos filosofia e muita experiência prática -, já percebemos e estamos fazendo cotidianamente, poucos, obviamente, de maneira assumida. É o que constata também Roberto Romano (2006, p. 29), o qual, aliás, define o sobrinho como uma “teratologia ambulante”. Para Romano (2006, p. 30), “[...] somos condenados a viver com todos os Sobrinhos, como os Sobrinhos, contra os Sobrinhos.” Romano (2006, p. 31) arremata de modo inclusivo, universal e nada alvissareiro: “[...] todos encarnam o sobrinho de Rameau”.

1 O IMORALISMO CÍNICO COMO SABEDORIA

Mais do que duas consciências, de duas racionalidades e sensibilidades morais em antagonismo, mais do que dois juízos conflitantes, Eu e Ele representam dois diferentes modos de ver, assimilar e de viver a realidade; por conseguinte, poderíamos dizer que são duas referências distintas de sabedoria; num certo sentido e em última instância, são duas ideologias; enfim, Ele e Eu são duas respostas absolutamente divergentes para uma questão existencial e filosófica crônica: como viver? Independentemente da conclusão do livro de Diderot, insistir nessa questão de ordem prática parece necessário e fundamental, afinal, trata-se aqui da ética.

Viver à maneira humanista, iluminista e humanitária de Eu, orientado por valores como virtude e verdade - e, nesse sentido, sendo tributário, de alguma maneira, do ideário ético de Sócrates -, animado, portanto, por categorias como bem e mal, justo e injusto, dever, responsabilidade, honestidade, educação e culpa, ou como o sobrinho, isto é, de forma amoral ou imoralista, na total falta de escrúpulos, indiferente ao bem, ao justo, ao honesto, aos bons modos, à instrução e à compaixão, e usando todo tipo de expediente, da bajulação à exploração sexual da própria esposa (DIDEROT, 2006, p. 151), manipulando a moral e as boas ações, inclusive, segundo os seus próprios interesses, é uma escolha da qual não podemos fugir.

Reconstruamos aqui alguns detalhes do modo de viver do sobrinho, ou melhor, da sua *sabedoria*, espalhados pelas falas ao longo do livro de Diderot; sistematizemos a doutrina por trás das bufonarias e desconstruções desse personagem instigante e perigoso.

O personagem Eu, inicialmente na posição de narrador, fornece muitos dados sobre a pessoa do sobrinho. Este seria alguém contraditório, inconstante, original, estranho ao senso comum; é descrito como uma mistura de altivez e baixeza, de bom senso e insensatez, que parece não ter claras, em sua cabeça, as noções de honesto e desonesto. Eu também apresenta o sobrinho como um tipo muito espontâneo, indiscreto, sem filtros em suas opiniões, porém, capcioso na sua sinceridade. Tanta excentricidade e uma energia contagiante o tornam uma figura sedutora, confessa o narrador, que ainda relata outra de suas peculiaridades: “Nada se diferencia mais dele do que ele mesmo.” (DIDEROT, 2006, p. 46).

O sobrinho é um indivíduo das circunstâncias, o qual procura se adequar às configurações e aos imprevistos dos instantes. O narrador nos diz

que ora Ele está magro, maltrapilho e cabisbaixo, porém, no momento seguinte, ostenta robusto, asseado e orgulhoso, belas roupas e muita simpatia. Enfatiza o narrador que o seu interlocutor vive um dia de cada vez, exclusivamente para o presente, refém e atento ao *hic et nunc*. A preocupação matinal do sobrinho é saber como e onde almoçará, e, depois de almoçar, como e onde jantará, e, ao dormir, como e com quem fará o seu café da manhã. É, em suma, alguém sem eira nem beira, que dorme em quartos de hotéis baratos, quando tem dinheiro para a diária, ou em cocheiras, quando está sem tostão e conta com a boa vontade de terceiros. Muitas vezes o sobrinho passa o dia com um pedaço de pão no estômago e uma caneca de cerveja na mão, articulando-se socialmente para terminar vivo a jornada.

Todavia, a característica mais importante do sobrinho, destacada pelo narrador, é que - traduzindo ao pé da letra - “ele faz sair a verdade” (DIDEROT, 2006, p. 47) das pessoas, isto é, a sua indiscrição e excentricidade acabam desmascarando os hipócritas, confirmando as pessoas de bem e, como efeito colateral, assustando as pessoas que dele se aproximavam, talvez amedrontadas pelo risco de serem desnudadas moralmente para si mesmas. Uma conversa com Ele era, portanto, uma terapia. Por tudo isso, o sobrinho era considerado pela Paris do livro de Diderot um louco, porém, com o atenuante de ser um louco divertido, que fazia as pessoas rirem, em particular os ricos e poderosos, os quais, por algumas boas gargalhadas, lhe garantiam sopa, vinho e cama confortável. Na verdade, o sobrinho era um louco que sabia tirar proveito da sua loucura, um bobo da corte muito esperto, que explorava materialmente as gargalhadas dos poderosos e endinheirados que o ridicularizavam.

Feita essa descrição geral do seu outro, o personagem Eu deixa de ser o narrador da cena do diálogo para ser o interlocutor direto do sobrinho. E, no decorrer da conversa, a sabedoria desse indivíduo desconcertante vai sendo delineada. Primeiro, as simpatias filosóficas do sobrinho. Entre Sócrates e Diógenes, o sobrinho deixa claro sua preferência pelo cínico de Sinope zombador de Platão. A Diógenes como referência filosófica o sobrinho acrescenta duas sabedorias: a do monge satírico Rabelais e a do personagem bíblico Salomão. O sobrinho diz que segue os ensinamentos básicos do monge, porque vê neles a “verdadeira sabedoria”, sintetizada em três máximas: 1) cumprir mais ou menos, seguir se possível, os nossos deveres; 2) sempre falar bem dos nossos superiores; e 3) deixar as coisas acontecerem, sem se preocupar muito com suas consequências (DIDEROT, 2006, p. 51). Quanto a Salomão, o sobrinho tenta convencer seu interlocutor ilustrado dos benefícios

do hedonismo: “Escutai, viva a filosofia, viva a sabedoria de Salomão. Beber bom vinho, devorar iguarias delicadas; rolar com belas mulheres; repousar em camas bem macias; fora isso, o resto é só vaidade.” (DIDEROT, 2006, p. 82).

No que concerne aos saberes teóricos e especulativos, a posição do sobrinho é de absoluto desdém. Instruções abstratas, conhecimentos sem aplicações práticas, a erudição como um fim em si mesmo, nada disso tem o mínimo valor para o sobrinho. Seria então o sobrinho um caso de anti-intelectualismo? Não exatamente; pelo menos não de forma direta ou em tom de confronto. Talvez seja mais um caso de relativização do valor do conhecimento em si e de valorização de uma perspectiva mais pragmática e utilitária dos saberes; mas certamente é uma recusa da crença humanista e iluminista de que a instrução e a educação tornam os seres humanos necessariamente melhores, do ponto de vista moral. O sobrinho sabe, socraticamente, que não sabe nada, que, nesse sentido, ele é um ignorante consciente da sua ignorância, porém, questiona moralmente essa sua condição: “O diabo que me carregue se alguma vez aprendi algo, e se por não ter aprendido nada estou pior.” (DIDEROT, 2006, p. 82).

Ou seja, na prática, tanto faz para o sobrinho saber ou não saber, conhecer ou ignorar, ser instruído e culto ou ignorante e tosco; a relação entre instrução e moralidade, esclarecimento e virtude é contingente, na sua opinião; diplomas e títulos não atestam caráter, luzes não garantem virtude, livros não constroem necessariamente pessoas de bem. De onde se segue que é possível ser bom, sendo ignorante, e canalha, sendo ilustrado. Como exemplo dessa falta de vínculo orgânico, de elo necessário entre conhecimento e caráter, o sobrinho volta ao caso das pessoas de gênio, como o seu tio, o consagrado músico Jean-Philippe Rameau (1683-1764). Tais personalidades, segundo o sobrinho, seriam pessoas detestáveis, incapazes de serem bons cidadãos, bons pais, bons maridos, bons tios (DIDEROT, 2006, p. 50), portanto, seres que, nos termos do próprio cínico, deveriam ser “asfixiados” logo ao nascerem (DIDEROT, 2006, p. 51).

A opinião contundente do sobrinho sobre as pessoas de gênio vai de encontro aos valores do ilustrado Eu, o qual, por sua vez, sai em defesa delas. Eu argumenta que os indivíduos de pensamento, criatividade e sensibilidade seriam “benfeitores do gênero humano”, principalmente por desacreditarem o erro, por mostrarem a verdade, por desqualificarem o vício e enaltecem a virtude; e evoca Sócrates, como modelo de ser humano que foi homem de gênio e, ao mesmo tempo, gente de bem. Este, aliás, foi o fato que teria

condenado Sócrates à cicuta. Nesse sentido, Eu provoca Ele com a expectativa de filosoficamente encurralá-lo: “Sócrates ou o magistrado que lhe fez beber a cicuta, qual é hoje o desonrado?” (DIDEROT, 2006, p. 53).

Entretanto, a resposta do sobrinho parece surpreender Eu. Na verdade, a resposta soa inaceitável para a sua sensibilidade moral e, talvez, para a de muitos dos leitores de bem convictos de seus princípios. Diz o imoralista, em tom de deboche, ao iluminista admirador de Sócrates:

Eis que adiantou muito! Ele por isso deixou de ser condenado? Ele deixou de morrer por isso? Ele foi por isso menos um cidadão turbulento? Pelo desprezo por uma lei má ele deixou de encorajar os loucos a desprezar as boas? (DIDEROT, 2006, p. 53).

Para entendermos melhor o impacto do deboche do sobrinho sobre o idealista moral Eu, recordemos o espírito do episódio do julgamento de Sócrates. Sócrates foi acusado pela democracia de Atenas de ter cometido três crimes, considerados graves, na sua época: 1) ter afrontado e recusado os deuses da crença religiosa preponderante na sua cidade; 2) ter tentado introduzir novos deuses em Atenas; 3) ter corrompido a juventude ateniense com novas ideias sobre a realidade. Uma vez julgado, Sócrates foi considerado culpado e condenado à morte. A pena, como sabemos, ingestão de cicuta.

Contudo, antes de morrer, Sócrates denunciou os equívocos e as injustiças de todas as acusações contra ele, e deixou registrada para a posteridade - por meio de Platão, sobretudo, sua versão mais célebre - o essencial de sua sabedoria, por certo, asceta e abstrata demais para a natureza do imoralista de Diderot:

Outra coisa não faço senão perambular pela cidade para vos persuadir a todos, moços e velhos, a não vos preocupardes com o corpo nem com as riquezas, mas a pordes o maior empenho no aperfeiçoamento da alma, insistindo em que a virtude não é dada pelo dinheiro, mas o inverso: da virtude é que provém a riqueza e os bens humanos em universal, assim públicos como particulares (PLATÃO, 2015, p. 125)

Depois de sugerir que Sócrates, o mais sábio de todos os atenienses, conforme o oráculo de Delfos, não passou de um nefelibata otário no episódio da cicuta, o sobrinho prossegue em seu raciocínio imoralista, indicando que o seu imoralismo cínico é sem limites. Expondo seu hedonismo mais uma

vez, Ele afirma, em tom irônico como sempre, que a atividade de proxeneta - a qual, aliás, ele também exercia - era uma ocupação honesta, já que seus serviços seriam muito úteis à sociedade, pelo menos a uma porção considerável de nobres, burgueses e autoridades; que, a propósito, a melhor forma de empregarmos nosso dinheiro seria em “[...] boa mesa, boa companhia, bons vinhos, belas mulheres, prazeres de todos os naipes, divertimentos de todas as espécies” (DIDEROT, 2006, p. 55); e enfatiza, de forma lapidar: “Eu preferia ser mendigo a possuir uma grande fortuna sem nenhum desses deleites.” (DIDEROT, 2006, p. 55).

O sobrinho não esconde que o individualismo egoísta é o fundamento da sua sabedoria: “A melhor ordem das coisas, em minha opinião, é aquela na qual eu devia estar; e dane-se o mais perfeito dos mundos se eu não estiver nele.” (DIDEROT, 2006, p. 57). E, quando a conversa ganha mais ares metafísicos, novo desprezo e desqualificação por parte do sobrinho, que declara não se meter em assuntos filosóficos (DIDEROT, 2006, p. 57). Na sequência, reiterando sua praticidade e seu desprezo pela razão teórica, o sobrinho declara - onde grou também é uma metáfora para tolo: “Sou pesado demais para me elevar tão alto. Deixo aos grou a estada nos nevoeiros. Vou terra a terra.” (DIDEROT, 2006, p. 147; DIDEROT, 1984, p. 105 e 404).

Ao falar sobre o seu próprio caráter, o sobrinho destaca características que, no seu entender, seriam “qualidades” para melhor sobreviver num mundo humano de lobos famintos e tigres cruéis (DIDEROT, 2006, p. 100). Entretanto, tais qualidades não passariam de vícios e defeitos morais, ao crivo moral de Eu. O sobrinho, vale frisar, expõe sua índole e sua falta caráter com total naturalidade, com um certo orgulho e sem nenhum mal-estar de consciência; descreve suas particularidades como fatos determinados pela sua natureza, a qual seria, ao que tudo indica, absolutamente física e corporal, o que nos remete ao determinismo materialista de Diderot, desenvolvido sobretudo em sua *Carta a Landois*, de 1756, e na sua trilogia em torno de *O sonho de D’Alembert*, de 1769. O sobrinho entende seus traços de caráter como expressões não deliberadas pela sua própria vontade, como acontecimentos dados e impostos pelo movimento e arranjo da matéria universal, tal como ocorreria com a queda de uma telha do telhado pela ação da gravidade ou com a formação de furacões, por conta das forças atmosféricas.

O sobrinho explica que seus vícios são naturais, isto é, que são componentes essenciais do seu ser, o qual é unicamente material, e que sua felicidade, portanto, dependerá da concordância de suas ações com as

inclinações e paixões que ele não escolheu tê-las, que com elas nasceu e que por elas é dominado (DIDEROT, 2006, p. 87). Nesse sentido, tentar ser virtuoso e buscar a felicidade na prática da virtude, tal como apregoam Sócrates e Eu, seria, no caso específico do sobrinho, não uma virtude e sim uma tentativa de deformação da sua própria natureza, um esforço equivocado para ser diferente do que ele ontologicamente é (DIDEROT, 2006, p. 87).

A propósito, o sobrinho vale-se dessa mesma tese para explicar um eventual comportamento do seu próprio filho: se este for destinado pela sua natureza a ser um patife, não há como impedir tal determinação, já que seu pai também é um (DIDEROT, 2006, p. 133). O sobrinho ainda pondera que tentar interferir nessa hereditariedade de pai para filho - em termos mais atuais, nessa genética -, mais precisamente na “molécula paterna” passada de um para outro, com expedientes como a educação, talvez resulte mais em prejuízos do que em benefícios ao filho herdeiro dessa constituição biológica (DIDEROT, 2006, p. 133).

“Sou invejoso”, confessa sem constrangimentos o sobrinho - um músico fracassado, é oportuno lembrar - referindo-se ao seu sentimento pelo seu tio bem-sucedido, ampliando assim o seu autorretrato moral e também psicológico (DIDEROT, 2006, p. 57). E ele vai mais longe em seu imoralismo e na exteriorização dos afetos que nutrem esse imoralismo: declara que aprecia muito ouvir, criar e propagar maledicências e calúnias que destroem reputações, principalmente se estas forem das pessoas mais bem-sucedidas do que ele. Invejoso e ressentido é então o nosso imoralista cínico. Somemos a isso sua consciência declarada de que é medíocre e mal-humorado (DIDEROT, 2006, p. 57), bem como um ignorante, tolo, louco, impertinente, preguiçoso, glutão, vagabundo e trapaceiro (DIDEROT, 2006, p. 60).

Para ilustrar parte desses traços da sua personalidade e caráter, o sobrinho narra (como sempre, sem nenhum pudor moral) o fato de que, durante um período da sua vida, se sustentou como professor de música, porém, sem saber absolutamente nada sobre o assunto (DIDEROT, 2006, p. 75). Esbanjando simpatia, palavrorios e muita encenação, o professor de música que não sabia nada de música conseguia engambelar os alunos e, sobretudo, os seus pais, garantindo assim o seu “pequeno cachê” (DIDEROT, 2006, p. 77). Em outras palavras, o sobrinho ludibriava seus alunos e roubava os seus pais; e o mais impressionante: sem nenhum arrependimento. E além de não se arrepender desses golpes, o sobrinho os justifica do seguinte modo: os pais dos seus alunos, por detrás de suas máscaras sociais, também eram, cada

um a seu modo, ladrões como ele. Por conseguinte, sua peripécia não seria de toda imoral, pois faria jus ao adágio francês de que “se um ladrão rouba outro ladrão, o diabo ri disso” (DIDEROT, 2006, p. 80), algo como o ditado brasileiro “ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão”.

De acordo com os cálculos do sobrinho, esta seria, crua e friamente, a ordem real das relações sociais, portanto, transgredi-la não seria uma atitude inteligente, do ponto de vista das suas consequências práticas. Perturbado, mas ao mesmo tempo instigado pela franqueza lancinante e paradoxal desse imoralista - vendo-se, na verdade, um pouco no sobrinho como diante de um espelho -, o moralista Eu resolve tirar uma de suas máscaras e, num ímpeto de coragem, faz uma confissão surpreendente: o próprio Eu também já lecionara profissionalmente um dia, sem saber nada das matemáticas que ensinava (DIDEROT, 2006, p. 71). Em suma, parodiando a epígrafe rodrigueana deste artigo, quem não é sobrinho na véspera, é sobrinho no dia seguinte...

Jamais esquecer como funciona a ordem real das relações sociais é um dos ensinamentos vitais da sabedoria do sobrinho. Certa feita, entretanto, um lapso do seu imoralismo o fez cair em desgraça. Tomado por um impulso de sensatez e moralidade, num banquete com canalthas ricos e poderosos, o sobrinho proferiu seriamente um juízo, para a surpresa e indignação do seu público. Imediatamente, seus anfitriões e protetores, insatisfeitos com a opinião do seu protegido, expulsaram-no daquele convívio, pondo um fim à sua vida de bajulação e conforto.

A partir desse dia, o sobrinho se viu obrigado a perambular como um mendigo, de café em café, à caça de um novo protetor para voltar a parasitar (DIDEROT, 2006, p. 60). Tal como Sócrates, o sobrinho teve, nesse episódio, também de beber a sua cicuta e, curiosamente, pelo mesmo motivo que o filósofo grego, ou seja, por ter sido, embora por um instante apenas, sensato e virtuoso. Esse desliz foi tão desastroso para o sobrinho que o afetou, não só do ponto de vista da sua subsistência material: seu amor-próprio também foi atingido, fazendo com que ele colocasse em questão sua própria competência como vigarista profissional (DIDEROT, 2006, p. 64).

Para ser um parasita bem-sucedido, é fundamental, ensina-nos a sabedoria imoralista do sobrinho, dominar a arte da bajulação. Esta, por sua vez, exigiria o domínio, no mínimo, de outras duas artes. A primeira delas é a arte de saber se humilhar, isto é, de saber reproduzir a “marcha do verme” (DIDEROT, 2006, p. 89), a qual, seguindo a sugestão da imagem da metáfora,

consistiria em rastejar, se necessário for, para conquistar e preservar o seu prato de sopa ou seu leito de lençol de seda, o que, por sua vez, exigiria desse sábio imoralista uma total indiferença pela própria reputação e uma absoluta frieza quanto ao seu próprio orgulho.

Já a segunda dessas artes auxiliares da arte maior da bajulação seria a arte da máscara - “A máscara! A máscara! Daria meus dedos para ter inventado a máscara!” (DIDEROT, 2006, p. 95) -, ou seja, o talento e a habilidade da dissimulação, da encenação, da hipocrisia. E quanto maiores forem as dificuldades de sobrevivência, mais destreza nessas artes a realidade exigirá do vigarista. Vemos o extremo dessa sabedoria na seguinte frase do sobrinho: “Nesses dias, por uma moeda qualquer, eu beijaria o cu da pequena Hus.” (DIDEROT, 2006, p. 63). No original francês, “*Ces jours-là, pour un liard, je baiserais le cul à la petite Hus*”.

Para que o leitor possa sentir mais plenamente a contundência dessa passagem e entender a radicalidade dessa sabedoria e o alcance da metáfora, vale ressaltar aqui dois aspectos: o primeiro, que o termo francês usado pelo sobrinho na frase lapidar é o vulgar e agressivo “*cul*”, e não “*fesse*”, que significa “nádega” ou “bunda”; o segundo aspecto é saber que a referida “pequena Hus” fora uma personagem da alta sociedade parisiense do Antigo Regime, cheia de dinheiro e poder, porém, frívola, sem nenhum talento ou qualidade moral especial. Em outras palavras, um sábio da estirpe do sobrinho deve se submeter a qualquer humilhação, se o resultado material desta lhe for rentável.

Por trás dessa sabedoria do vale-tudo na luta pela sobrevivência está, importante insistir, uma determinada compreensão do sobrinho acerca da essência do ser humano e da dinâmica da sociedade. Leitor de Molière e La Bruyère, para nossa surpresa, aos quais se refere com uma ironia de desdém e com os quais diz ter aprendido mais sobre os vícios do que sobre as virtudes (DIDEROT, 2006, p. 102), nosso imoralista culto entende as relações humanas e sociais como uma continuidade da selvageria da natureza, na qual predadores e presas se alternam de lugar e se entredorram, na sociedade (DIDEROT, 2006, p. 80). O sobrinho também se refere às nossas relações sociais como um jogo, no qual “[...] só os imbecis ou os ociosos são lesados” (DIDEROT, 2006, p. 80) e “[...] o dinheiro dos tolos é o patrimônio das pessoas de espírito” (DIDEROT, 2006, p. 140).

Por fim, o sobrinho chega a comparar a sociedade a um grande prostíbulo, onde todos nós, ora ou outra, levados pelas contingências e pelas

instabilidades da vida, acabaremos nos prostituindo, mandando às favas os princípios e o orgulho, já que viramos todos mendigos dispostos a tudo, quando ficamos à mercê das nossas mais tirânicas necessidades. É o caso, por exemplo, do criado ambicioso que prostituiu a própria esposa para um judeu muito rico, porque levou calote, perdeu nos tribunais a cobrança da dívida e ainda teve a reputação triturada pela opinião pública (DIDEROT, 2006, p. 144). Nas palavras de Eu, tentando assimilar e sintetizar a sabedoria do sobrinho, “[...] o que vós chamais pantomima dos mendigos é a grande ciranda da terra. Cada um tem sua pequena Hus e seu Bertin.” (DIDEROT, 2006, p. 149). Esclarecendo, Bertin foi uma das personalidades mais ricas, poderosas, bajuladas e parasitadas da Paris dos tempos de Diderot.

Na perspectiva hobbesiana do sobrinho, dessa dança e encenação imorais envolvendo interesses e sobrevivência não escaparia nenhum ser humano, nem mesmo o mais autêntico e virtuoso dos cínicos, Diógenes de Sinope. O cínico antigo, com base no seu moralismo radical pequeno socrático, advogava a mais absoluta independência, uma liberdade entendida como autossuficiência e autarquia, concepção esta que encontra na automasturbação sua realização e um dos símbolos mais eloquentes - além de caricato - do cinismo antigo. “Diógenes também dançou a pantomima”, afirma triunfante o sobrinho, para desapontamento de Eu, que acreditava em Diógenes como uma exceção e esperança moral para a humanidade (DIDEROT, 2006, p. 150). De onde se segue que o imoralismo cínico do sobrinho ri por último, não só do moralismo iluminista de Eu, mas também de um dos moralismos mais austeros da história da filosofia, o moralismo do cinismo antigo, colocando-se assim, poderíamos dizer, como um novo tipo de cinismo, um cinismo com características próprias, separado e distinto do cinismo grego, na questão moral, mas ao mesmo tempo a ele ligado pela sua postura em relação aos conhecimentos, às convenções e à cultura. Trata-se, na feliz definição de Rubens Torres Filho (2004, p. 53), de um “cinismo ilustrado”.

Quantas lições mais vis esse sábio ou sábio às avessas - de todo modo, um sábio - ainda teria a nos dar? Acontece que o sobrinho é um poço sem fundo de torpeza, embora ele afirme que tenham existido canalhas ingratos piores do que ele (DIDEROT, 2006, p. 115). Ele conta a Eu que era parte do seu trabalho de proxeneta tranquilizar as belas moças do Antigo Regime, dizendo-lhes que a honra e a honestidade pregadas pelos seus familiares e pelo senso comum não passavam de “[...] velhas conversas que nada significam” (DIDEROT, 2006, p. 65), portanto, que elas não deveriam ter vergonha ou

receio de usar suas belezas e os talentos dos seus corpos para obterem a vida de conforto e segurança que almejassem, afinal, no seu entendimento ausente de moralidade, “[...] o ouro é tudo, e o resto, sem ouro, não é nada.” (DIDEROT, 2006, p. 135).

A propósito, essa também é a máxima principal da educação oferecida pelo sobrinho ao seu próprio filho. O sobrinho conta com orgulho que, desde cedo, seu filho aprendeu a valorizar as moedas de ouro e a desprezar os ensinamentos que pudessem fazer dele um mendigo (DIDEROT, 2006, p. 135). E sábio proxeneta - e proxeneta sábio - que nunca deixou de ser, o sobrinho sugere ainda que, se tivesse uma filha no lugar de um filho, seria mais fácil e, principalmente, mais rentável educá-la: “Ah se fosse uma filha!” (DIDEROT, 2006, p. 136). Haveria algo mais teratológico do ponto de vista moral do que um pai prostituir a própria filha e fazer isso sem nenhum constrangimento e, ainda por cima, entusiasmado?

Embora o sobrinho não tenha consciência, parece haver algo mais importante do que o ouro para ele - e certamente não é a justiça tampouco a honestidade. Deixemo-lo falar a respeito: “O importante mesmo é ir facilmente, livremente, agradavelmente, copiosamente, todas as noites à privada: ó *stercus pretiosum!* [ó excremento precioso!]. Eis o grande resultado da vida em todos os estados.” (DIDEROT, 2006, p. 67). Além dessa aniquiladora imagem escatológica do defecar e da merda, o sobrinho destaca outro fato implacável, o qual nivela ricos, pobres, poderosos, filósofos iluministas, patifes, santos e ignorantes: todos morreremos um dia, todos apodreceremos, seja num jazigo de mármore, seja coberto só por terra (DIDEROT, 2006, p. 68).

E, para finalizar, outra ideia do sobrinho que põe abaixo qualquer pretensão de posição privilegiada da espécie humana na natureza: no interior da natureza, tudo se confunde e se equivale, “[...] o homem que poda árvores com tesouras, a lagarta que rói folhas.” (DIDEROT, 2006, p. 146). Em suma, aos olhos do sobrinho, o ser humano nada é no interior da natureza, e sua essência, em termos ontológicos, não passa de matéria, merda e mortalidade.

Assim, a lógica imoralista do sobrinho, composta também de uma pitada de ceticismo, indaga-nos: por que viver essa nossa vida precária e condenada, privando-nos do que nos impõem nossos desejos e necessidades, já que, conforme assinala nosso Ele, “[...] a voz da consciência e da honra é bem fraca quando as tripas gritam”? (DIDEROT, 2006, p. 81) Mais: por que e para que conhecer as coisas? Para que investir tempo e dedicação em gramática,

história, geografia, desenho e moral? Para que filosofia? Qual a finalidade de todos esses conhecimentos absolutamente inúteis para um mundo utilitário e competitivo como o nosso? (DIDEROT, 2006, p. 73 e 74). E mesmo a física, sentencia o sobrinho, por mais experimental que ela seja, “[...] será sempre uma pobre ciência” (DIDEROT, 2006, p. 75), uma vez que ela sempre será incapaz de explicar a natureza na sua totalidade e como ela realmente é. Conclusão dessa desconfiança epistemológica e científica radical da parte do imoralista cínico: “[...] na verdade, valeria tanto ignorar quanto saber tão pouco e tão mal.” (DIDEROT, 2006, p. 75).

Para finalizar essa exposição dos pressupostos, valores e objetivos que compõem a sabedoria do sobrinho - este que “[...] fala como um louco e pensa como um homem sábio”, como escreve Delon (2006, p. 23) -, convém ainda destacar mais algumas das suas opiniões morais.

Sobre valores como pátria, amizade, deveres, posição social e honra, o juízo do sobrinho é único: não passam de ideais nutridos por vaidades. O que existe de real são tiranos e escravos, ingratos e aproveitadores, hipócritas e falsos moralistas, ricos cruéis e trapaceiros (DIDEROT, 2006, p. 83). Sobre misturar felicidade com virtude, estabelecendo assim vínculos necessários entre uma e outra, como faz Eu, direta e indiretamente, em sua argumentação, a experiência do sobrinho é a relatividade: “[...] vejo uma infinidade de gente honesta que não é feliz, e uma infinidade de gente feliz que não é honesta.” (DIDEROT, 2006, p. 86).

Por isso, a natureza do sobrinho e, novamente, sua experiência, impelem-no a acreditar que é preferível ser “[...] um bandido feliz com bandidos opulentos, e não um fanfarrão de virtude, ou mesmo um homem virtuoso, roendo sua còdea de pão, sozinho ou ao lado dos mendigos.” (DIDEROT, 2006, p. 89). Por fim, sobre os costumes e a virtude num sentido mais amplo, o sobrinho raciocina do seguinte modo: os costumes são um assunto muito controverso, no qual nada se mostra e se sustenta de modo sólido, absoluto e verdadeiro; portanto, a solução para tal controvérsia é adotar o interesse próprio como critério de escolha e ação: ser e agir conforme o interesse próprio, isto é, ser bom, mau, louco, ridículo, generoso ou honesto, de acordo com as necessidades das circunstâncias e a lógica do benefício egoísta (DIDEROT, 2006, p. 104).

Nesse sentido, se o resultado da minha conduta for riqueza, poder, glória e felicidade, poderei ser chamado de virtuoso; caso minha conduta me

empobreça e faça de mim um infortunado, serei um vicioso. De onde se segue que as noções de virtude e vício seriam relativas, ajustáveis à natureza de cada indivíduo, e fatores determinantes da felicidade e infelicidade de cada um. A felicidade, por sua vez, no entender do sobrinho, além de existir, de ser humanamente exequível, seria algo essencialmente prático. Mais: ela não seria um privilégio exclusivo dos patifes e canalhas inteligentes, e sim um benefício ao alcance também dos justos, honestos e generosos, quando estes forem coerentes com os apelos das suas inclinações naturais (DIDEROT, 2006, p. 104). Já nas situações extremas, como a da indignação vivida pelo próprio sobrinho, a sabedoria desse sábio imoralista recomenda cinicamente: “[...] se não for a glória, que seja a sopa” (DIDEROT, 2006, p. 142).

Ora, assim, não seria a sabedoria do sobrinho uma forma de esclarecimento, no sentido de um pensar autônomo, que emancipa, logo, que ajuda o indivíduo a ser bem-sucedido em sua sobrevivência na selva humana?

2 A SABEDORIA DO IMORALISMO COMO ESCLARECIMENTO

Rubens Torres Filho, no seu ensaio “À sombra do Iluminismo”, dedicou-se a refletir sobre a relação do modo de pensar do sobrinho de Rameau com o projeto de esclarecimento iluminista e a ideia de emancipação. Para Torres Filho (2004, p. 55), mais do que uma sátira, *O sobrinho de Rameau* é, na verdade, um “drama”, o drama do “encontro da Ilustração com seus limites”. Trata-se, na verdade, do iluminismo diante do seu efeito colateral mais desestruturante e desestabilizador para uma civilização: o relativismo de índole niilista.

Nessa perspectiva, como Torres Filho (2004, p. 56) bem define, o *Sobrinho* é um quadro do “filósofo em apuros”. E aqui acrescentaríamos: um quadro do esclarecimento com os seus dois principais efeitos ou conseqüências, com suas duas principais possibilidades de emancipação do indivíduo: uma emancipação mediante um esclarecimento humanista, ético e coletivo, ou uma emancipação mediante um esclarecimento sem escrúpulos, centrado egoisticamente nos apetites mais primordiais do indivíduo; simplificando, em termos maniqueístas, um “esclarecimento do bem” e um “esclarecimento do mal”.

Mas voltemos ao mais perspicaz da interpretação de Torres Filho sobre o pensamento do sobrinho. Para Torres Filho (2004, p. 57), o sobrinho

“[...] não fala *contra* a verdade, pois não fala *em nome dela*; não é moral nem imoral, pois não opera sobre o pressuposto dessa distinção.” Ora, embora seja compreensível entender o sobrinho como um indivíduo essencialmente amoral e despreocupado com a verdade, parece que dificilmente um leitor do *Sobrinho*, com o seu olhar determinado por princípios e valores morais dominantes, lerá as falas e os juízos do personagem dessa maneira neutra, imparcial, indiferente e formal que a ideia de amoralidade e a de descompromisso com a verdade sugerem.

Ocorre que uma consciência com um mínimo de formação e sensibilidade morais dificilmente não se escandalizará com as frases contundentes e os raciocínios indecentes do bufão de Diderot, dificilmente ela conseguirá assistir impassível, sem assumir um lado, à surra argumentativa e filosófica dada por um relativista canalha num pensador de sentimentos generosos e razão edificante; esse leitor com um mínimo de escrúpulos e preocupado com as consequências das ideias na vida prática dificilmente deixará de entender a sabedoria do sobrinho como um imoralismo escandaloso inaceitável, como um tipo de cinismo, o qual, efetivamente, se faz niilismo e barbárie.

3 O ESCLARECIMENTO IMORALISTA COMO EMANCIPAÇÃO TOTAL

O imoralismo cínico emancipa? A sabedoria do sobrinho pode tornar os indivíduos livres, independentes e autônomos, isto é, pode libertá-los das heteronomias e opressões do dia a dia, ainda que não das determinações biológicas? Que tipo de emancipação ela seria? Uma emancipação pela via da adesão e da adaptação à vida como ela é? Tais questões, por mais imoralistas ou amoralistas que possam parecer, devem ser feitas sem receios. Entretanto, para respondê-las com coragem e clareza, é preciso antes dar conta de uma outra questão ainda mais fundamental e ampla: o que é liberdade, afinal?

Embora a liberdade seja uma questão clássica, polissêmica e clichê da história da filosofia, ela permanece uma noção e um valor vitais, quando pensamos em termos práticos na dignidade e felicidade, não só pessoais, pois esta é certamente uma das indagações que ficam pulsando na cabeça do leitor, ao término de *O sobrinho de Rameau*: o que é liberdade, afinal? Em que consiste um ser humano efetivamente livre, isto é, livre não em abstrato, em conceito, metafisicamente, não em termos gerais e absolutos, e sim de maneira concreta, empírica e contraditória, em condições reais e imediatas de existência? Existiria de fato tal espécime? Se existe, existiu ou possa existir um dia, como seria esse

indivíduo, plena e radicalmente livre, pensando, mas, sobretudo agindo de forma autônoma e sem constrangimentos? Onde, por exemplo, ele estaria no diálogo entre Eu e Ele do livro de Diderot? Seria o Eu esse indivíduo ou o Ele? Ou ambos? Ou nenhum dos dois? Ou a síntese dialética de ambos? A liberdade estaria contemplada no moralismo, no imoralismo, no amoralismo, na síntese dessas três posturas ou em nenhum lugar desse embate?

Podemos constatar, de um modo geral, na experiência das relações humanas, que uma ação honesta, justa, conforme o dever, uma ação moral e virtuosa, enfim, pode tornar o virtuoso alegre, que o cumprimento do dever pode tornar satisfeito e orgulhoso de si um agente moral. Em contrapartida, e na mesma proporção, podemos verificar que a moral também faz sofrer. O escrúpulo, o sacrifício, o remorso, as obrigações de consciência, a compaixão, a honestidade como imperativo categórico, a justiça como finalidade última da ação, o sentimento de dignidade, a preocupação com a honra e com a reputação, as inúmeras proibições, privações e autocontenções nas relações e decisões do dia a dia, todos esses afetos e conflitos juntos e misturados podem pesar, sufocar, afligir e restringir, e, de forma insuportável, a razão e os nervos de um indivíduo.

Mais para os que querem ser santos, heróis, mártires, indivíduos respeitados e admirados por suas virtudes, e talvez menos para os que, como o monge Rabelais, se contentam em ser apenas cumpridores das regras básicas de convívio, a moral pode ser uma cicuta à maneira do drama socrático, para quem a vive concretamente. Colocar constantemente os princípios e os valores morais acima das próprias necessidades de sobrevivência, sacrificar a liberdade, os prazeres e os interesses pessoais pela prevalência dos deveres, do bem e do interesse público, tudo isso pode ser por demais opressivo, desgastante e insalubre, para um indivíduo. Nesse sentido, a sabedoria do nosso sobrinho, que é essencialmente uma técnica de sobrevivência, para não dizer um manual, pode ser assaz tentadora, porém, traz consigo o risco de um alto custo pessoal, se não for praticada com destreza. Ser um vigarista bem-sucedido também requer competência para tal.

Na sua maneira excêntrica de ser, o sobrinho é bastante convincente de que é um indivíduo livre. A ousadia da sua liberdade chega a ser admirável. Entretanto, não podemos nos esquecer de que o sobrinho é, antes de tudo, uma ficção filosófica de Diderot. Na verdade, o que se coloca de fundamental no nosso contexto é se a concepção de liberdade que o sobrinho representa pode ser vivida na prática por qualquer um de nós, seres não fictícios; se, em

termos pragmáticos e utilitários, sua liberdade radical, que parece ser uma liberdade total - a liberdade produzida pela racionalidade imoralista cínica -, funciona de fato, isto é, se ela produz mais benefícios do que danos ao indivíduo que a exerce.

Conclui-se da obra-prima de Diderot que ser livre, como o sobrinho de Rameau, significa viver sem deveres nem obrigações para com ninguém, exceto para com os próprios instintos do indivíduo; é decidir e agir a partir de cálculos egoístas no lugar de escrúpulos, todavia, sem parecer inescrupuloso, e sim honesto, generoso e justo; é ignorar imperativos categóricos e sentimentos de responsabilidade, nas relações pessoais e situações cruciais; é pecar e cometer torpezas sem nenhum remorso; em suma, é deixar de ser o culpado, o abnegado, o oprimido e aflito “espírito de camelo”, e não querer mais chamar de senhor e deus o kantiano, cristão e “grande dragão” do “Tu deves!” de *Assim falou Zaratustra*, de Nietzsche (1999, p. 212). Haveria um ser humano mais livre do que este? Quer dizer então que a imoralidade liberta, que a canalhice emancipa?

Michel Onfray (1999, p. 33), filósofo declaradamente ateu, materialista, hedonista, libertário e cínico autêntico, define esses indivíduos sem escrúpulos, sem superego nem remorsos, como “cínicos vulgares”. Eles existiriam em maioria na espécie humana, espalhados por toda parte. Como expressão máxima desses “cínicos vulgares”, Onfray destaca os senhores mundiais do dinheiro e do poder, ou seja, estes que fizeram, farão e fazem o mundo tal como ele é, ou seja, “[...] sujo e feio, repelente e vil.” (ONFRAY, 1999, p. 33). Esses seres, segundo Onfray (1999, p. 33), seriam os “imoralistas de sempre”.

Onfray (1999, p. 33-34) também inclui na sua categoria de “cínicos vulgares” os indivíduos com os seguintes comportamentos: 1) os que “se superam na arte de renegar seus engajamentos passados”, como os revolucionários de 68 que viraram ideólogos neoliberais, a partir dos anos 90; 2) o “falso libertário”, isto é, aquele que fala de liberdade movido não pelo amor à liberdade, mas pelo ressentimento e pela inveja; 3) os que se dizem céticos e niilistas, que invocam Diógenes como modelo de vida, mas com o único propósito de lucrar com os seus livros sobre “o inconveniente de ter nascido” e a “arte da desesperança”, uma referência aqui quase explícita a Emil Cioran, autor, a propósito, de *Do inconveniente de ser nascido*; e 4) autores que elogiam a liberdade e a autenticidade de Diógenes, os quais escrevem sobre o seu cinismo, todavia, que ambicionam e se sentem orgulhosos de serem

condecorados com medalhas palacianas, como a da Legião da Honra, ao que tudo indica, uma provocação aqui de Onfray ao condecorado André Comte-Sponville, autor, vale lembrar, de *Valor e verdade. Estudos cínicos*.

No fundo, esses são casos que ilustram o que Onfray (1999, p. 34) também chama de “falso cínico”, ou seja, os traidores do “cinismo filosófico”, os deturpadores dos preceitos e da prática da tradição do cinismo de Antístenes e Diógenes, e que, no julgamento de Onfray (1999, p. 34), “[...] ilustram a mais radical das imoralidades.” E, com base na consciência desse inferno imoralista que é o mundo contemporâneo, palco de campos de concentração e bombas atômicas, Onfray (1999, p. 35) pergunta, em tom de conclamação, aos que ele chama de “cínicos autênticos”, dentre os quais o próprio Onfray (1999, p. 34) se inclui: “Onde estão os moralistas deste século XX?”

“Cínicos vulgares” ou “falsos cínicos” e “cínicos autênticos”: curiosamente, tal distinção feita por Onfray, no ensaio “Em face do consenso, a salvação passa pela revolta?”, também encontramos no verbete “Cínica, seita de filósofos antigos”, da *Enciclopédia* de Diderot e D’Alembert, provavelmente escrito pelo próprio Diderot. Nesse verbete (DIDEROT, 1751, p. 599), os termos são “cínicos antigos” e “falsos cínicos”, e a ideia é praticamente a mesma que encontramos em Onfray: “Os falsos cínicos foram uma população de bandidos travestida de filósofos; e os cínicos antigos, pessoas muito honestas que mereciam apenas uma censura que não incorremos comumente: a de terem sido entusiastas da virtude.”

Nessa distinção, tanto no verbete da *Enciclopédia* quanto na formulação de Onfray, o lugar do sobrinho entre os falsos cínicos parece óbvio. O sobrinho é, sem dúvida, o paradigma desse oportunista realista sem utopias, o qual afirma que o mundo “[...] vai bem, pois a multidão está contente com ele.” (DIDEROT, 2006, p. 51).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma liberdade sem restrições, sacrifícios nem custos individuais, portanto, uma liberdade totalmente desvencilhada e emancipada da moral: tal concepção, que entende a liberdade e a moralidade como noções incompatíveis, seduz como prática e arte de viver pelo individualismo hedonista, relativista, egoísta e sem culpa que ela traz em seu bojo, porém, revela-se temerária, quando pensamos nas suas possíveis consequências coletivas. É quando o

iluminismo das boas intenções de Eu tem o seu momento realista e de lucidez, no desenvolvimento do diálogo. Dirigindo-se ao ardiloso argumentador cínico e, ao mesmo tempo, ao leitor embevecido pela retórica imoralista, Eu resiste e insiste no seu moralismo esclarecido, mesmo este abalado pelas críticas devastadoras do seu interlocutor, e o propõe como a aposta mais vantajosa para todos, afinal, embora sejamos indivíduos, o fato é que vivemos em coletividade. E, mesmo que tal moralismo não seja o mais eficiente, do ponto de vista argumentativo, seria o mais razoável, do ponto de vista dos interesses do coletivo, nos quais, vale lembrar, se incluem os interesses dos indivíduos isoladamente.

Nessa direção, em meio aos deboches do palhaço dialético, Eu reitera com vigor e coragem o seu juízo de valor de que o prazer das belas ações é superior ao prazer dos atos vis, bem como sua crença moral de que a honestidade torna as pessoas mais felizes (DIDEROT, 2006, p. 86). Da mesma forma, preconiza que a melhor instrução para a nossa vida prática em sociedade sempre foi e será “[...] o conhecimento dos seus deveres, o amor à virtude, o ódio ao vício.” (DIDEROT, 2006, p. 102). Por fim, Eu conclui sua reflexão nessa conversa sem consenso, ressaltando ao sobrinho, mesmo que inutilmente, a importância do valor do sacrifício para se conter os malefícios coletivos do individualismo indiferente e predatório do imoralismo, já que nem todos nascemos lobos: “As coisas da vida têm um preço, sem dúvida; mas vós ignorais o do sacrifício que vós fazeis para obtê-las. Vós dançais, vós dançastes e vós continuareis a dançar a vil pantomima.” (DIDEROT, 2006, p. 151).

Como bem observa Michel Delon (2006, p. 9), o moralista Eu pensa o particular vinculado e articulado com o geral, o que não encontramos, obviamente, no imoralismo do sobrinho, mas sim em Sócrates e sua cicuta – e de modo radical. Nesse sentido, a posição de Eu é que Sócrates continua sendo um gênio inspirador para os que apostam numa humanidade melhor, portanto, que este muito nos ensinou, ao ter morrido em nome do que Nietzsche, no seu *Crepúsculo dos ídolos* (NIETZSCHE, 2006, p. 22), ao fazer de Sócrates um problema, sintetizou na fórmula “Razão = virtude = felicidade”.

Nem tanto Eu, nem tanto Ele: essa obviedade parece ser a resposta do bom senso, essa entidade filosoficamente vaga, para a nossa pergunta “Como viver?” Que o imoralismo do sobrinho possa ser emancipador e positivo para alguns, a realidade está repleta de casos que nos impedem de dizer o contrário. Contudo, é sempre bom lembrar que, na perspectiva materialista de Diderot,

para viver a sabedoria do sobrinho, para desfrutar da sua concepção de virtude às avessas e dos seus ensinamentos de sobrevivência, em meio a lobos e tigres humanos, é necessário ser ontologicamente como ele, melhor dizendo, é preciso ter um pouco da sua natureza, isto é, da sua constituição orgânica e, sobretudo, afetiva. Caso contrário, não encontrará nesse imoralismo uma sabedoria e sim caos e dissabor. Isso significa que o imoralismo do sobrinho não é para qualquer um, embora a realidade esteja repleta de sobrinhos. A propósito, como escreveu Diderot (1751, p. 599), no verbete “Cínica, seita de filósofos antigos”, acerca das sabedorias antigas, “[...] os homens se faziam acadêmicos, ecléticos, cirenaicos, pirrônicos, céticos; mas era preciso nascer cínico”.

PIVA, P. J. L. Hemlock is for suckers or The seductive freedom of The Rameau’s Nephew. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 44, n. 2, p. 301-324, Abr./Jun, 2021.

Abstract: The purpose of this essay is to take some provocations, the lucidity and the deadlocks of the demolishing critical conscience of He, the immoralist and cynical character of the dialogue *Rameau’s Nephew*, of Denis Diderot, highlighting two aspects from his philosophical radicality and, above all, ethical: 1) keeping in mind the current historical context of darkness and moral perplexity in the West, along with He, Rameau’s nephew, inquire once more I, his illuminist interlocutor, i.e., pretentiously enlightened and full of moral convictions and philosophical certainties, if it was worthwhile for Socrates, an important reference for the thought of the Lights when it concerns to the moral question, to have chosen his noble principles, even at the cost of hemlock, instead of the prejudices of life as it is, or rather, if the wise celebrated Greek had any benefit by having opted for ethics and knowledge, and not by indifference and ignorance, in a world increasingly determined by blind appetites to truth and virtue; 2) thinking about the nephew’s nihilist posture not only as a wisdom, as an art of living, as a survival technique in hyperindividualistic times, but also as a freedom paradigm despite of its practical consequences.

Keywords: Cynicism. Enlightenment. Immoralism. Freedom. Wisdom.

REFERÊNCIAS

DELON, Michel. Préface. In: DIDEROT, D. **Le neveu de Rameau**. Édition de Michel Delon. Paris: Gallimard, 2006.

DIDEROT, Denis. Cynique, secte de philosophes anciens. In: D’ALEMBERT, Jean le Rond; DIDEROT, Denis. **L’Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers**. Tome 4, 1. éd., Paris, 1751. Disponível em: <https://fr.wikisource.org/>

wiki/L%E2%80%99Encyclop%C3%A9die/1re_%C3%A9dition/CYNIQUE. Acesso em: 12 set. 2020.

DIDEROT, Denis. **Le neveu de Rameau**. Édition de Jacques et Anne-Marie Chouillet. Paris: Le livre de poche, 1984.

DIDEROT, Denis. **Le neveu de Rameau**. Édition de Michel Delon. Paris: Gallimard, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra. *In: Obras incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ONFRAY, Michel. Em face do consenso, a salvação passa pela revolta? *In: LE NOUVEL OBSERVATEUR. Café Philo: as grandes indagações da filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

PIVA, Paulo J. L. **O ateu virtuoso: materialismo e moral em Diderot**. São Paulo: Discurso Editorial, 2003.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Belém-PA: Ed. UFPA, 2015.

RODRIGUES, Nelson. **Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

ROMANO, Roberto. **Silêncio e ruído: a sátira em Denis Diderot**. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 1996.

ROMANO, Roberto. Diderot nas vielas das Luzes ou O sobrinho de Rameau. *In: DIDEROT, D. Obras III - O sobrinho de Rameau*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TORRES FILHO, Rubens R. À sombra do iluminismo. *In: TORRES FILHO, Rubens R. Ensaios de filosofia ilustrada*. São Paulo: Iluminuras, 2004.

Recebido: 15/4/2019

Aceito: 11/9/2020

